



Mais pobres são os mais doentes

Marta F. Reis
marta.reis@sol.pt

Doentes com menos estudos vão a menos consultas de especialidade. O Observatório Português dos Sistemas de Saúde alertou, esta semana, que as desigualdades se acentuaram nas últimas décadas.

As desigualdades entre os portugueses em matéria de saúde continuam a ser o dobro das que se registam na Europa. O relatório da Primavera do Observatório Português dos Sistemas de Saúde – que desde 2000 faz uma análise anual ao estado da saúde no país – alerta que, nos últimos dez anos, as desigualdades foram «perpetuadas e agravadas» pela crise socioeconómica, cortes além do que foi exigido pela *troika* e ausência de políticas destinadas a resolver este problema.

«Continuam a ser os mais pobres os mais doentes, e os mais doentes os mais pobres», alertam os peritos, acrescentando que



HUMBERTO ALMENDRA

O Observatório pede maior atenção à saúde mental e aos cuidados paliativos

este «ancestral e inquebrável ciclo de pobreza e de doença» ameaça os direitos humanos e tem custos económicos.

Nível de instrução ainda dita acesso

O Observatório – que junta peritos da Escola Nacional de Saúde Pública, das universidades de Coimbra e Évora e da Faculdade de Farmácia de Lisboa – analisou dados socioe-

conómicos dos inquéritos nacionais de saúde e de outros dois instrumentos europeus de avaliação do estado da saúde da população e chegou a uma conclusão inédita: em Portugal, as pessoas menos instruídas usam mais as consultas dos centros de saúde, enquanto as que têm mais estudos vão mais vezes a médicos especialistas.

«Apesar do carácter universal e tendencialmente gratuito do SNS»,

lê-se no documento, «os cuidados de especialidade estão desigualmente distribuídos na população, a favor dos mais educados».

Esta análise incluiu serviços públicos e privados. José Aranda da Silva, porta-voz do Observatório, explica que o fenómeno não tem só a ver com o facto de as pessoas mais instruídas terem à partida mais rendimentos para irem ao privado, pelo que o SNS deverá estar atento

a esta diferença. «As pessoas mais instruídas têm maior navegabilidade no sistema, conseguem argumentar com os médicos de família», explica o antigo presidente do Infarmed.

No geral, o risco de as pessoas com menos instrução terem um pior estado de saúde é 6,5 vezes superior ao da população mais instruída, quando na Europa é 3,5 vezes superior. Em 2014, os portugueses sem estudos tinham um risco de diabetes quatro vezes superior e um risco de hipertensão ou doença pulmonar obstrutiva crónica três vezes superior.

Nas últimas edições, o Observatório foi bastante crítico da governação e chegou a alertar, em 2012, para «um país em sofrimento». Este ano, os peritos não avaliaram os primeiros sete meses do atual Governo, justificando a decisão com constrangimentos temporais, mas consideraram que resolver estas diferenças é um dos desafios que Adalberto Campos Fernandes tem em mãos. E apelam a mais orçamento para saúde mental e cuidados paliativos, assim como um maior envolvimento das associações de doentes nas decisões.